

Artigo recebido em:
13.08.2017

Aprovado em:
19.06.2018

A voz narrativa no livro-reportagem 'O jornalista e o assassino'

Laísa Veroneze Bisol

Jornalista, doutoranda em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Substituta do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM.

E-mail: laisavb@yahoo.com.br

Laísa Veroneze Bisol

Resumo

Este trabalho objetiva analisar a articulação do narrador no jornalismo literário através do livro-reportagem *O jornalista e o assassino*, de Janet Malcolm. Sabendo que o estudo sobre o narrador é escasso na área da comunicação nos valem, especialmente, das premissas de Walter Benjamin que, entre outros autores, elucida as questões narrativas permitindo a interdisciplinaridade. Concluímos, a partir desta pesquisa, que o narrador da obra analisada busca utilizar uma linguagem próxima à oralidade e apresenta um tom de conselho aos receptores. Além disso, esse narrador entrecruza-se com a figura da autora, ela que narra em primeira pessoa e não mantém distanciamento, mas, pelo contrário, apresenta-se como parte da narrativa.

Palavras-chave: Narrativa. Narrador. Jornalismo Literário. Livro Reportagem.

The narrative voice in the book-report 'O jornalista e o assassino'

Abstract

This paper aims to analyze the way the narrator articulates in literary journalism through the book-report *O jornalista e o assassino* written by Janet Malcolm. Knowing that the study about the narrator is scarce in the area of communication we are worth, especially, by the premises of Walter Benjamin who, among other authors, elucidates the narrative issues allowing interdisciplinarity. We conclude, from this research, that the narrator of this work tries to use a language close to orality and presents a tone of advice to receptors. In addition, this narrator intertwines with the figure of the author, who narrates in the first person and does not maintain distance but, instead, presents herself as part of the narrative.

Keywords: Narrative. Narrator. Literary Journalism. Book Report.

Considerações iniciais

O modo como o narrador se manifesta em um texto permite-nos inferir diferentes aspectos, desde os formais, até os sentidos decorrentes do modo como ele se posiciona e interfere em determinada história. A fim de compreender a maneira como o narrador pode se manifestar através da narrativa jornalística de cunho interpretativo, ou seja, a partir de um livro-reportagem, investigaremos, neste trabalho, a obra *O jornalista e o assassino*, escrita por Janet Malcolm (1990).

De um modo geral, as produções jornalísticas primam pela busca da objetividade e imparcialidade. Contudo, sabemos que o profissional do jornalismo não consegue atingir estes objetivos em plenitude, considerando que precisa fazer escolhas com relação à escrita. O jornalista e autor Ricardo Noblat discorreu sobre o assunto em sua famosa página na internet, “Blog do Noblat”, em 2012, quando o portal comemorava seu oitavo aniversário. “Este é um dos mitos cultivados há mais de século: jornalista é imparcial. [...] Ninguém é imparcial. Porque você é obrigado a fazer escolhas a todo instante. E ao fazer toma partido”.

O modo como o jornalista se apropria dos fatos para contá-los aos leitores, interpretando histórias, pode ser uma das características que tornam uma reportagem ou um livro-reportagem mais completo e interessante do que uma matéria meramente informativa. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (1995, p. 30), um livro-reportagem se difere das demais publicações porque aprofunda alguns aspectos: “quanto ao conteúdo, pois trata de assunto em que a veracidade é fundamental; quanto ao tratamento: linguagem, montagem e edição de texto e quanto à função: informar, orientar e explicar”. Ainda que a veracidade seja um dos elementos essenciais de uma obra jornalística, sabemos que quando se trata de um livro-reportagem, a literalidade torna-se mais evidente na construção da narrativa, se considerarmos publicações isoladas com foco unicamente na informação.

Embora os fatos apontados pelo jornalista sejam verídicos, não se pode deixar de notar a forma como a escrita se estabelece. A linguagem não se equipara àquela convencionalmente utilizada no jornalismo meramente informativo, vem aparelhada com “adornos”, e até mesmo a pontuação leva o leitor a fazer pausas que orientam para um dado sentido no texto. Mônica Fontana (2006) discorre a respeito dessa aproximação entre a literatura e o jornalismo.

É possível, desse modo, ver tanto o jornalismo e sua investigação dos fatos como o romance moderno enquanto pura ficção como produtos do capitalismo emergente na sociedade e no estado burguês de então. Mesmo com uma ideologia regendo uma clara fronteira entre ficção e realidade, pode-se perceber que, de certa forma, ambos se misturam. O papel do romance tende a ser o de instruir pelo relato das experiências pessoais ou, mais tarde, pelo retrato da realidade social. O do jornalismo, promulgar mitos fundadores na formação das comunidades imaginadas pelas nações-estados (FONTANA, 2006, p. 2).

A partir das ideias apresentadas, que abarcam as relações entre os dois tipos de narrativas, o romance literário e o gênero livro-reportagem, citamos como exemplo a abertura do livro *O jornalista e o assassino*, objeto desta análise:

Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas. Tal como a viúva confiante, que acorda um belo dia e descobre que aquele rapaz encantador e todas as suas economias sumiram, o indivíduo que consente

em ser tema de um escrito não-ficcional aprende – quando o artigo ou livro aparece – a sua própria dura lição. Os jornalistas justificam a própria traição de várias maneiras, de acordo com o temperamento de cada um. Os mais pomposos falam de liberdade de expressão e do ‘direito do público a saber’; os menos talentosos falam sobre Arte; os mais decentes murmuram algo sobre ganhar a vida (MALCOLM, 1990, p. 11).

Essa obra aborda uma reflexão sobre a ética no jornalismo a partir da produção de outro livro-reportagem, ou seja, trata-se de um livro sobre um livro. Ao tratar das formas de linguagem, conforme expomos anteriormente, verificamos, a partir desse excerto, que o texto, embora não seja um romance, também não apresenta apenas a escrita subjetiva comumente observada em notícias jornalísticas disponíveis em jornais e sites informativos, por exemplo. Ao contrário, o jornalismo interpretativo, averiguado nesse tipo de produção, permite uma linguagem mais trabalhada, com a utilização de elementos que lembram o romance, como metáforas e subjetivas indagações, ou seja, percebemos literalidade na escrita de livros-reportagens. Compreendemos, dessa maneira, que embora as informações se pretendam verídicas nesse tipo de produção, pode haver a presença, ainda que ínfima, da ficcionalidade, que entendemos, nesse contexto, como a permissão do autor, através do narrador, também fazer as suas inferências na história.

Paul Ricoeur, em seu livro *Tempo e Narrativa*, dedica um capítulo a esse entrecruzamento entre história e ficção. O estudioso afirma que existem trocas entre ambos: “a história e a ficção só concretizam suas respectivas intencionalidades tomando de empréstimo a intencionalidade da outra” (RICOEUR, 2010, p. 311). Ainda conforme Ricoeur, essa concretização só ocorre quando a história se serve da ficção para refigurar o tempo e, por sua vez, a ficção se utiliza da história com esse mesmo objetivo. É esse fenômeno que incide no livro-reportagem, que recorre a documentos, entrevistas e aparatos históricos a fim de contar sobre uma determinada temática ao grande público, através de uma obra que, embora verídica, possui traços ficcionais, como tudo o que é escrito através da percepção de alguém.

Contudo, na narrativa literária, o autor do texto atribui voz a um narrador que pode ou não ser personagem da história. Já na narrativa jornalística, tratando aqui da tipologia livro-reportagem, o jornalista, que é autor, coloca-se como narrador, já que ele mesmo presenciou e busca relatar os fatos que viu. Todavia, não temos um vasto estudo no campo da narração do jornalismo e, em virtude disso, mas, também, por se tratar de um gênero chamado jornalismo literário¹, é que nos valem muito das teorizações acerca do narrador desenvolvidas com enfoque na literatura.

O professor e doutor em Comunicação Fernando Resende (2005), ao pesquisar o fenômeno da narração através do jornalismo, afirma que os estudos midiáticos têm se dedicado à pesquisa de sua complexidade muito recentemente e que, portanto, outros olhares interdisciplinares contribuem para essa compreensão, como os Estudos Culturais, a Psicanálise e os Estudos Literários, por exemplo. O autor também propõe que a narrativa se dá como uma representação coletiva possibilitando a ampliação de experiências sociais e, portanto, atribui importância às pesquisas que visam compreender as formas de o jornalismo narrar o mundo. Resende ainda problematiza a falta de uma voz narrativa no jornalismo, ou seja, a busca pelo distanciamento dos fatos, ou da utópica imparcialidade, no cotidiano da escrita noticiosa, acabaria por suprimir a identidade de quem escreve o texto. Nas palavras do autor: “[o] jornalista, diante de pressupostos conceituais que formatam o seu texto [...] se esvai do narrado e raramente se apresenta enquanto autor. Não há, na perspectiva da jornalística tradicional, alguém que conta a história” (RESENDE, 2005, p. 89).

¹O livro-reportagem encaixa-se em uma categoria denominada jornalismo literário que, para Pena (2006) trata de transcender o jornalismo cotidiano e recursos como o lead, por exemplo, apresentando aspectos mais amplos da realidade e assegurando profundidade aos fatos. O jornalismo literário não apenas informa mas interpreta e possibilita novas interpretações.

Podemos aliar essa perspectiva às ideias de Walter Benjamin (1994, p. 197) quando o autor afirma que “o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais”, e acrescenta “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção”. Quando tratamos do jornalismo meramente noticioso, muitas vezes é isso o que pode ocorrer, entretanto, ao percorrermos os caminhos do jornalismo de viés mais literário, ou seja, dos livros-reportagens, talvez possamos, ainda, encontrar as marcas desse narrador.

Assim, ao pesquisarmos esse fenômeno, pretendemos contribuir para os estudos a respeito do narrador do livro-reportagem, a partir, principalmente, da revisão bibliográfica que dá conta do texto da literatura. Iremos identificar quem é o narrador desse texto e, assim, verificar como ele se articula na narrativa para, ao fim, compreendermos, através de um estudo interdisciplinar, quais os sentidos oriundos a partir desse posicionamento narrativo.

O narrador em *O jornalista e o assassino*

O jornalista e o assassino, de Janet Malcolm (1990), aborda a forma como um caso de assassinato foi tratado por outro jornalista nos Estados Unidos, na década de 70. O médico Jeffrey MacDonald foi acusado de matar sua esposa grávida e duas filhas, e ao ser condenado decide, juntamente com um advogado, contar sua versão da história através de um livro, com o objetivo principal de angariar fundos para sua defesa. O jornalista Joe McGinniss aceita contar a história e aproxima-se do acusado para saber detalhes do ocorrido. Ambos desenvolvem fortes vínculos afetivos de amizade e, após obter diversas informações e depoimentos confidenciais de MacDonald, o jornalista escreve e publica um livro (*Fatal Vision*) atribuindo culpa à sua fonte. O jornalista McGinniss sofreu um processo quase equiparado ao do crime supostamente cometido pelo médico, por forjar uma amizade e distorcer os fatos a ele apresentados.

Já na obra que é objeto deste estudo, Malcolm, embora relate as questões relativas ao assassinato, não se detém ao episódio criminoso, mas analisa, sobretudo, a atitude do jornalista McGinniss diante dos fatos e de seu entrevistado. Assim, sem apresentar uma resposta fechada, lança questões sobre a liberdade de expressão e a ética no campo jornalístico, além das contradições imbricadas nessa relação. Assim, a autora apresenta uma obra rica para o estudo do jornalismo, já que a ética é elemento fundamental e sempre muito atual. Além disso, em *O jornalista e o assassino* vemos o debate acerca das inúmeras versões que uma história pode apresentar, que ultrapassa o conceito de verdade. Também observamos as mais variadas formas de apuração, enfatizando a importância de uma entrevista bem estruturada, com respeito e conhecimento da fonte.

As linhas de abertura do livro, que citamos anteriormente, são descritas por Elizabeth Fakazis (2002) como as mais provocativas da história do jornalismo americano, justamente, por instigar a pensar na profissão para além das vaidades e das desculpas sobre liberdade, direito do público ou salários baixos. Dessa maneira, é perceptível como Malcolm se posiciona frente à temática. Por vezes, a narração aparece em terceira pessoa, quando a abordagem dá conta de explicar os fatos ocorridos. Mas na maioria das ocasiões, o texto é marcado pelo narrador em primeira pessoa, que descreve seus percursos para chegar à história que deseja elucidar aos receptores.

Ao tratar a respeito da posição do narrador, Theodor Adorno (2003), embora discuta essa articulação no romance literário, nos permite relacionar suas perspectivas com a obra que analisamos. Isso porque o autor explica a antiga necessidade

de apreensão do real nos textos, mas, sobretudo, o modo como, especialmente a partir do século XIX, as obras passaram a ser nutridas de subjetividade, considerando o ponto de vista do narrador. Essa ideia vai ao encontro do que estamos discutindo, uma vez que, embora trate-se de uma narrativa desenvolvida por uma jornalista, com vistas a explicar algumas verdades, também se trata de uma obra munida de muitas reticências, no sentido figurativo. Isso porque esse narrador permite, a todo o tempo, que o leitor faça suas próprias inferências em relação à história que é contada. Alguns fatos são meramente narrados, como vemos em: “McGinniss conheceu MacDonald em junho de 1979, em Huntington, na Califórnia. Mc Ginniss havia terminado, recentemente, *Going to extremes* [Ir até o fim], um trabalho de reportagem sobre o Alasca [...]” (MALCOLM, 1990, p. 22). Porém, em outros momentos, a jornalista, ou, seu narrador, propõe subjetividade ao texto, conforme podemos perceber no fragmento em que há a descrição da entrevista realizada com MacDonald na prisão para o desenvolvimento da obra *O jornalista e o assassino*:

Os prisioneiros, em Terminal Island, são levados algemados à sala de visitas; livram-se delas colocando os braços na fenda de uma porta gradeada de modo que um guarda do outro lado possa removê-las. Encontrar-se com um visitante nessas circunstâncias não parece deixar muita latitude para uma entrada triunfal, mas MacDonald, de algum modo, conseguiu passar pelo ritual humilhante como se fosse um ator desfazendo-se rapidamente de seus trajes antes de cumprimentar os amigos no camarim de um teatro, e não um prisioneiro deixando o confinamento solitário por algumas horas. [...] MacDonald e eu ficamos sentados um na frente do outro em uma mesa pequena, coberta de plástico, em um cubículo separado de outro idêntico. [...] Quase dava para sentir a intensidade da escuta dele, e fiquei impressionada com a sua inteligência como interlocutor. Só depois de um certo tempo é que o interesse dele pelo que eu estava dizendo começava a diminuir, e ele retornava a velha história obsessiva, fechada e agressiva – “condenação injusta”, “juiz tendencioso”, “provas suprimidas”, “novas testemunhas” – pela qual vinha pautando sua existência nos oito anos que se passaram desde a condenação. (MALCOLM, 1990, p. 70-71).

Nesse trecho, descrito em primeira pessoa, há muitos detalhes sobre a ocasião relatada, semelhante ao que acontece em um romance e muito distinto do que percebemos no jornalismo noticioso do dia a dia. Para além disso, podemos observar as marcas de subjetividade presentes no texto, conforme mencionamos anteriormente. No início do fragmento pressupomos que, mesmo preso e acusado de cometer homicídio contra a esposa e filhas, MacDonald não perde sua postura e impressiona esse narrador por mais de uma vez: com relação ao modo como se apresenta, pelo seu intelecto e por estar atento ao que lhe é dito. Além disso, quando relata sobre os comentários do médico, que aparecem entre aspas evidenciando a fala do outro, podemos notar que se supõe uma certa fadiga em ouvir as repetidas expressões, que são relatadas constantemente pelo preso no intuito de convencer de sua inocência.

Benjamin (1994) alega que as melhores narrativas escritas são aquelas que mais se assemelham às histórias contadas de forma oral por narradores anônimos que são conhecedores dos fatos, já que os vivenciaram. O fragmento que expomos acima apresenta essa conotação, já que, embora se trate de uma narrativa escrita, poderia perfeitamente ter sido apresentada de forma oral, haja vista, inclusive, as aspas adotadas para referenciar expressões da fala do outro. Além disso, a obra explora muitas vezes o recurso do discurso direto em forma de diálogo transmitindo essa ideia de fala, como podemos observar no seguinte trecho: “‘Você sentiu-se mal por ter que desistir do livro?’ perguntei a Keeler. ‘Fiquei desapontado. Era a

primeira vez na minha vida que eu tinha o tema para fazer um livro – sentia-me competente, conhecia o tema até pelo avesso” (MALCOLM, 1990, p. 100). Como esse, diversos diálogos são descritos na obra lembrando a linguagem oral. Ademais, o modo discursivo da narrativa jornalística vai muito ao encontro disso, já que a ideia é sempre comunicar um leitor sobre fatos verídicos através da utilização de uma linguagem que, embora formal, não seja rebuscada, para que a maioria dos receptores possa compreender a mensagem e, por isso, muitas vezes os textos dessa área são caracterizados também por marcas da oralidade.

Ainda nos apoiando nas ideias de Benjamin (1994) para compreender a narrativa do jornalismo-literário, recordamos da pesquisa do autor com referência à obra de Leskov, que prestaria conselhos aos seus leitores. Conforme as conclusões do estudioso:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (BENJAMIN, 1994, p. 200).

O autor ainda afirma que, por esse motivo, o narrador estaria entre os sábios, articulando não apenas as suas experiências para concretizar a narrativa, mas também incluindo as perspectivas alheias. Essa afirmativa está em consonância com as ideias de Mikhail Bakhtin (2002), já que o autor esclarece que personagens ou narradores falam a partir de muitas outras vozes. Trata-se, aqui, do conceito de polifonia, expresso pelo autor a partir da análise da obra de Dostoiévski como sendo a “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenas” (BAKHTIN, 2002, p. 4), ou seja, não há uma única verdade expressa pela voz narrativa; o que existe é o combinado de diferentes pontos de vista apropriados por aquele que escreve.

Essa união de vozes em *O jornalista e o assassino*, que vincula as ideias de inúmeros entrevistados aliadas às premissas particulares desse narrador e, ainda, a todas as outras vozes oriundas de pesquisas e conversas, converge justamente no conselho elaborado para a obra que, ao fim, é sua grande temática: as relações éticas no jornalismo. Isso aparece ao longo do texto através de muitos questionamentos sobre comportamento ético, como podemos observar, por exemplo, em trechos em que são citadas as opiniões de entrevistados: “Não acredito na ética situacional e certamente não acredito que os jornalistas devam mentir e deturpar para obter a colaboração de alguém” (MALCOLM, 1990, p. 91). “Ora, isso pode não ser ilegal, mas com certeza é pouco ético, e não caiu bem conosco” (MALCOLM, 1990, p. 130). E também em fragmentos com a perspectiva direta do narrador: “A disparidade entre o que parece ser a intenção de uma entrevista quando ela está acontecendo e aquilo que no fim ela estava de fato ajudando a fazer é sempre um choque para o entrevistado” (MALCOLM, 1990, p. 12).

A narrativa apresenta muitas versões do que aconteceu e opiniões diversas acerca do modo como o jornalista McGinniss agiu para com a sua fonte, mas em nenhum momento tece julgamentos quanto à culpabilidade do acusado de assassinato, sendo que, ao fim, o grande “conselho” expresso por esse narrador polifônico, através de uma linguagem que muito se aproxima do aspecto oral, é a questão da ética deontológica.

Cabe ainda discutirmos qual o distanciamento desse narrador com a autora do texto. Isso porque, conforme mencionamos no início deste artigo, o jornalista busca a vivência ou, pelo menos, o acompanhamento dos fatos para narrá-los e, sendo assim, seu narrador não pode ser considerado um sujeito isolado de si mesmo. Para elucidar melhor esse aspecto, apresentamos um dos trechos finais da narrativa:

Jornalistas que engolem sem mastigar a história da personagem e a publicam não são jornalistas, e sim publicistas. Se as personagens em perspectiva tivessem em mente a lição do caso *MacDonald versus McGinniss*, isso poderia ser, tal como afirmou Kornstein, o fim do jornalismo. Felizmente, tanto para os leitores como para os escritores [...] a natureza humana garante que nunca haverá uma diminuição na oferta de personagens à disposição (MALCOLM, 1990, p. 145).

Não temos como atribuir essa escrita a um narrador aleatório. É Malcolm que se posiciona, enquanto jornalista, a respeito de tudo o que desenvolveu durante o texto e, mais do que isso, opinando sobre as problemáticas que envolvem a profissão. Assim, inferimos um entrecruzamento entre o narrador de *O jornalista e o assassino* e observamos que diferente do que se busca em textos noticiosos, que é o distanciamento do sujeito que narra, no livro-reportagem temos o oposto, que é justamente o seu posicionamento de forma explícita.

Conforme citamos na parte introdutória deste artigo, existem peculiaridades inerentes às formas de fazer jornalístico. Em uma notícia, por exemplo, veiculada com o objetivo de informar instantaneamente, o narrador pouco aparece, já que o espaço é destinado primordialmente aos fatos. Em tempos de grande intensidade de informação, a busca pelo imediatismo figura-se em uma problemática, já que a qualidade do que é transmitido, por vezes, fica em segundo plano. Conforme Francisco Aquinei Timóteo Queirós (2016, p. 2), “parte-se do pressuposto de que o jornalismo centrado no *lead* e na pirâmide invertida engendra óticas de apagamento da presença do outro e instaura uma visão atomizada, unilateral, hegemônica e hierarquizada do contexto sócio-histórico”, enquanto que no jornalismo literário a prática está fundamentada na “configuração social, econômica e política, permite a enunciação de um discurso e de uma narração que problematize e complexifique as distintas realidades que compõem o contexto social” (QUEIRÓS, 2016, p. 8), o que permite um olhar mais amplo sobre o que seria a realidade.

Em acordo com essa perspectiva, Erik Neveu (2014) aborda o jornalismo enquanto uma arte narrativa e é preciso usar-se disso para além dos fatores temporais, buscando o desconhecido, valorizando o trabalho de apuração e investigação que vai além do relato das fontes. O autor explica ainda que, por emprestar a linguagem literária, esse tipo de narrativa propicia também ampliar os horizontes interpretativos, o que pouco tem ocorrido no noticiário da contemporaneidade.

Ao observarmos a narrativa desenvolvida por Malcolm em consonância com as ideias acerca do jornalismo literário apresentadas por Queirós e Neveu, podemos afirmar que em *O jornalista e o assassino* é evidente a busca por dados que vão além de informar, mas propiciam reflexão e criticidade. Não simplesmente por se tratar de um livro-reportagem, mas, sobretudo, por utilizar dos elementos que tornam esse tipo de escrita jornalística passível de comprometimento social. Ademais, a escolha quanto ao posicionamento do narrador ou, como vimos, da própria autora, já revela essa busca que vai além da objetividade informativa, mas chega ao patamar reflexivo, uma vez que problematiza e complexifica os relatos para produzir sentido.

O jornalismo do cotidiano, expresso em notícias rápidas veiculadas através das mais diversas ferramentas, perpassa hoje por problemáticas que vão desde questões comerciais, às vezes sobrepostas ao direto à informação, até o silencia-

mento de identidades ou fatos. Neveu (2014) destaca que o jornalismo investigativo-narrativo, nesse contexto, se configura como uma oportunidade de renovação. Entretanto, o autor ressalva que não se pode sugerir que essa seja a resolução para todos os problemas atuais da área, já que esse tipo de narrativa, o jornalismo literário, pode vir a limitar a leitura em termos de acesso, se comparado ao acesso da população em geral à televisão, por exemplo. Entretanto, ao pensarmos em *O jornalista e o assassino*, que vem sendo utilizado mundialmente para o debate acerca da ética deontológica nas faculdades de jornalismo, podemos supor que, enquanto narrativa, cumpre seu papel de instigar a reflexão entre aqueles que estão em contato com a obra e a discutem pensando no futuro profissional.

A partir desta pesquisa e das constatações apresentadas, abordaremos, no próximo item deste artigo, algumas conclusões referentes ao modo como o narrador aparece no livro-reportagem *O jornalista e o assassino*.

Considerações finais

Ao compreendermos o livro-reportagem como parte de um gênero interpretativo da área da comunicação denominado jornalismo-literário e, portanto, nos valendo das premissas de autores que discorreram acerca do narrador no campo dos Estudos Literários podemos, por fim, atribuir uma identidade ao narrador de *O jornalista e o assassino* no que concerne o seu posicionamento diante do texto.

Todavia, ao considerarmos as ideias de Benjamin (1994) apontadas no decorrer deste trabalho, podemos atribuir valor à obra, já que, embora não se trate de um romance propriamente dito, explora, através do narrador, algumas questões que são relevantes ao texto e que conferem qualidade à narrativa, como o fato de aproximar-se da linguagem oral e, ainda, oferecer algum tipo de conselho ao leitor, ou seja, em maior medida, a obra não é posta apenas como mera informação ou entretenimento, mas se articula de modo que proporcione reflexões aos receptores, especialmente no que diz respeito à atuação ética – ou à falta de ética – dos profissionais do jornalismo. Malcolm (1990) apresenta entrevistas, documentos, cartas e percepções pessoais a respeito dos fatos, permitindo aos leitores não somente conhecer aquilo que aconteceu, mas, sobretudo, formar uma opinião a respeito. A temática do nosso objeto de estudo instiga especialmente os receptores jornalistas a pensarem na ética voltada à profissão através de fatos e questionamentos que vão ao encontro de muitas das escolhas diárias que os profissionais do jornalismo precisam assumir em seu trabalho.

Diante disso, apresentamos novamente as ideias de Benjamin (1994), que atribui ao historiador a responsabilidade de relatar os acontecimentos do mundo explicando-os e não apenas mencionando-os. Nessa mesma linha, o autor também cita os cronistas, que articulam as ideias com relação à história, mas para além dela. Verificamos esses aspectos na obra de Malcolm (1990), que embora não se trate de relato histórico e tampouco de uma crônica, apresenta aspectos que vão além da narrativa, articulando questões provocativas no sentido das relações sociais e produção de significados.

Outro resultado que obtemos a partir desta pesquisa é sobre quem é esse narrador, efetivamente. Concluímos, a partir da análise do texto que, para além de narrar majoritariamente em primeira pessoa, o narrador entrecruza-se com a autora ou, mais do que isso, a autora apresenta-se como a narradora sem distanciamentos, pois ela vivencia e relata os fatos. Embora no jornalismo noticioso do cotidiano observamos uma busca por esse distanciamento, a omissão de opiniões (pelo menos explicitamente), no jornalismo literário vemos a presença efetiva desse sujeito da narração, que aparece através da união de sua voz com a de outros.

Assim, ao findarmos esta pesquisa, observamos mais uma vez as possibilidades interdisciplinares no estudo das narrativas, e a necessidade de ampliação das discussões em torno do sujeito que narra no jornalismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. Trad. Jorge Almeida. In: _____. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Observações acerca da obra de Nicolau Leskov. In: BENJAMIN et al. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1994.

FAKAZIS, Elizabeth. Janet Malcolm: **Constructing a journalist's identity**. Tese de Doutorado. Indiana University, 2002.

FONTANA, Mônica. **Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva**. Anais do Evento PG Letras 30 Anos. Vol. I (1): 325-333. Disponível em: <http://soraianovaes.com/inovacaoedesign/artigos_cientificos/Oslimitesentrefatoeficcao.pdf>. Acesso em 27 jun 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo**. Campinas: Unicamp, 1995.

MALCOLM, Janet. **O jornalista e o assassino**. Uma questão ética. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NEVEU, Erik. **Revisiting Narrative Journalism as One of The Futures of Journalism**. *Journalism Studies*, Taylor & Francis (Routledge), 2014, 15 (5), p.533 - 542.

NOBLAT, Ricardo. **Sobre a imparcialidade do jornalista**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/03/20/sobre-imparcialidade-do-jornalista-8-anos-de-blog-436592.asp>>. Acesso 13 abr 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. **Jornalismo literário: aproximações com o pensamento pós-abissal e com a dupla ruptura epistemológica**. Anais do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). 2016. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/schedConf/presentations>>. Acesso em 18 mai 2018.